



OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELO PEDAGOGO NA CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA INCLUSIVA

NASCIMENTO, Taíse Adriana Rodrigues do¹
GELATTI, Mônica²

Resumo: Visando esclarecer e ampliar conhecimentos, o presente artigo tem o intuito de oportunizar uma reflexão sobre a diversidade no ambiente escolar e os desafios enfrentados pelo pedagogo na construção de uma escola inclusiva, vislumbrando aproximar o ideal do real no que tange uma efetiva inclusão no contexto escolar. Há de se ponderar se a realidade da inclusão está sendo efetiva ou, apenas improvisada, de discorrer sobre a importância da comunicação na transformação de uma escola onde o comportamento respeitoso permita a existência da diferença.

Palavras-chave: Inclusão. Escola. Diversidade. Pedagogo. Reflexão.

Abstract: Aiming to clarify and expand knowledge , this article aims to create opportunities to reflect on the diversity in the school environment and the challenges facing the teacher in building an inclusive school , seeing approach the ideal in terms of real effective inclusion in the school context . One has to consider whether the reality of inclusion is being effective or just improvised , to discuss the importance of communication in the transformation of a school where the respectful behavior allows the existence of difference.

Keywords: Inclusion. School. Diversity . Pedagogue . Reflection.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem a intenção de oportunizar uma reflexão sobre a diversidade no ambiente escolar e os desafios enfrentados pelo pedagogo na construção de uma escola inclusiva, vislumbrando aproximar o ideal do real no que tange uma efetiva inclusão no contexto escolar. Há de se ponderar se a realidade da inclusão está sendo efetiva ou, apenas improvisada, de discorrer sobre a importância da comunicação na transformação de uma escola onde o comportamento respeitoso permita a existência da diferença.

Por algum tempo estiveram em voga, paradigmas que afirmavam ser a escola um mero espaço de reprodução ideológica. Educadores acreditavam e classificavam a escola como somente reprodutora das grandes estruturas ideológicas, econômicas e culturais da elite

¹ Professora na Rede Municipal de Ensino de Ijuí, Acadêmica de Pedagogia. E-mail: taiser.nascimento@bol.com.br

² Professora da Rede Municipal de Ijuí, Graduada em Letras e pós-graduada em Psicopedagogia. E-mail: monicagelatti@hotmail.com



dirigente de um país. Definitivamente, a educação não é tão somente um mecanismo de reprodução. A exigência é que a escola seja eficiente naquilo que é a sua principal finalidade: ter todas as crianças aprendendo. Não basta apenas que as crianças e jovens tenham acesso á escola, é preciso que lá permaneçam e que isso represente agregação efetiva de conhecimentos, habilidades e competências fundamentais para uma melhor inserção no mundo do trabalho.

A discussão sobre a educação brasileira não pode mais ser feita a partir da oposição simplista entre reprodução e transformação, sendo dessa forma, deixa-se de lado o requisito essencial para a consolidação de uma sociedade baseada na cultura democrática: a pluralidade – conhecimento e respeito aos diferentes grupos sociais que convivem.

A sociedade é heterogênea, formada por pessoas com interesses e identidades diferentes, diferenças físicas, psicológicas, sociais e culturais. Apesar desse fato, só muito recentemente começamos a percebê-lo como um problema. Mas não basta reconhecer que existe diversidade, a escola deve se tornar a escola da diversidade, da inclusão, da valorização do “eu” e do “nós”, assim estabelecer relações onde, [...] “a utopia de uma prática educativa humanizante não possa deixar de estar impregnada, deva ser uma constante.” (Freire,1996,p.130).

2. REVISÃO DA LITERATURA

A palavra do momento na educação brasileira é o verbo incluir. Fala-se que a escola pública no Brasil sempre foi praticante da exclusão e que estratégias para corrigir essa injustiça estão sendo colocadas em exercício: criação de ciclos, não reprovação, as correções de fluxo, salas de recursos para atender aos alunos com necessidades especiais entre outras. Mas, se incluir significar somente preparar o aluno para que ele “ganhe a vida”, sem se importar como, nesse caso a escola não teria muita importância, visto que homens e mulheres continuariam vivendo independentemente da educação que recebem.

Porém, ao se pensar em inclusão, como capacitar os alunos a competirem no mercado de trabalho por bons empregos e bons salários, os alunos não estão sendo incluídos, ao aprovarem apenas por uma correção de ciclo, ou por terem frequentado os 75% das aulas, esses não estão preparados para competirem num ambiente que não seja paternalista-



assistencialista.

Importa saber que a cultura vai se formando historicamente, crescendo e se transformando dentro de uma sociedade permeada por seus hábitos, valores, pensamentos, crenças, conceitos e formas de organizar e desenvolver os espaços sociais, gerando confrontos, mas também soluções para seus inúmeros conflitos e anseios sociais. Aliado ao esforço em ensinar as crianças a ler e utilizar as ferramentas matemáticas de forma competente, o respeito aos diferentes grupos e culturas e a busca por identidade no âmbito do cotidiano escolar constituem o grande desafio e a principal tarefa de gestores municipais, estaduais e federais e de toda a comunidade educacional.

Uma boa escola caracteriza-se por uma série de fatores que podem ser evidenciados a partir das informações coletadas e analisadas pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) junto a alunos, professores e diretores. Esses fatores distribuem-se por dois eixos centrais. O primeiro às condições de vida dos alunos e seu contexto social, cultural e econômico. O segundo refere-se à escola e às relações intersubjetivas no cotidiano escolar.

Nesse sentido a escola passa a ser uma instituição fundamental para promover a equidade, bem como proporcionar o desenvolvimento dos saberes básicos, contribuindo para a inclusão social e econômica do cidadão, independentemente da sua origem social. Vale destacar que muitas vezes esses profissionais não conseguem ainda analisar que tanto as diferenças culturais, quanto a condição social são categoria que não se excluem, na escola e em sala de aula e reconhecendo que, muitas vezes essas diferenças são transformadas em desigualdades, entendidas como culturais, servindo ao propósito da exclusão, quando deveriam implicar práticas pedagógicas diferenciadas.

A desigualdade provoca exclusão quando impossibilita o desenvolvimento de uma mesma formação enquanto princípio e direito fundamental de todos e cada um, ainda que, contemplando o mais elementar.

Dessa forma, o papel da escola consiste em favorecer que cada um, de forma livre e autônoma, reconheça nos demais a mesma esfera de direito que exige para si. Neste âmbito, a prática da inclusão social baseia-se em princípios diferentes do convencional: consideração das diferenças individuais, valorização de cada pessoa, convivência dentro da diversidade humana e aprendizagem por meio da cooperação.

Quanto à diversidade, entende-se algo que não se assemelha a outro, e nesse aparece como uma questão de direito e que na prática pedagógica deveria agir como uma forma de



XVII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL



www.unicruz.edu.br/mercosul

orientar, bem como de organizar as atividades para assegurar o que está previsto no Art. 5 do Estatuto da Criança e do Adolescente, ao defender que...

[...] nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos direitos fundamentais.

A Constituição Federal prevê o pleno desenvolvimento dos cidadãos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade, bem como quaisquer outras formas de discriminação. Garante o direito à escola para todos e coloca como princípio para educação, o “acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um”. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN/96, por sua vez, ao considerar a Educação Especial uma modalidade de ensino, caminha para o mesmo fim e reforça a natureza complementar desse atendimento.

Assim sendo os alunos com deficiência, devem obrigatoriamente ser matriculados e frequentar com regularidade as turmas de sua faixa etária, nas escolas comuns e ter assegurado o atendimento educacional especializado complementar em horário oposto às aulas, contudo, a realidade ainda é cercada de preconceito e discriminação, pois a escola regular não foi planejada para atender às diferenças.

A inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais não se faz por uma resolução ou decreto, mas com mudanças de atitudes, concepções e compromissos do nosso papel transformador. No plano das ideias, dos discursos e principalmente no papel, a inclusão dos alunos com deficiência no sistema de ensino é uma política impecável, porém, esse modelo de educação inclusiva bem como de currículo, muitas vezes não condiz com a realidade escolar, muito menos com o trabalho do professor, visto que quem o elabora não é aquele que o executa.

Nessa perspectiva, a ação do pedagogo para uma escola inclusiva precisa ser orientada pelos interesses e capacidades das crianças, contribuindo para o estabelecimento de um clima harmonioso, que independentemente do contexto, as crianças possam aprender com seus pares e atingir seu pleno desenvolvimento.

De acordo com Perrenoud (2002), o trabalho do professor, há pouco tempo, passou a ser objeto de uma verdadeira formação. Isso aconteceu quando se começou a dar maior importância ao domínio teórico e prático ligado aos processos de ensino e aprendizagem.



XVII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

Nessa perspectiva, momento e objeto se completam. Refletir na ação é o mesmo que refletir sobre a ação em curso, sobre o seu ambiente, seus limites e seus recursos. Na ardência do trabalho, ou seja, da ação pedagógica, segundo Perrenoud (2002), o professor tem pouco tempo para meditar, para refletir e para decidir o passo seguinte. Será que se pode interromper determinada ação, determinada conversa, iniciar ou não uma nova discussão sobre determinado tema, antes do final da aula? Aceitar ou não uma desculpa, punir ou não um aluno indisciplinado, responder ou não a uma pergunta insolente, idiota ou descontextualizada, permitir ou não que um aluno se retire da sala de aula? Cada questão mobiliza determinadas atividades mentais.

Seguindo esse pensamento, indicamos que a reflexão pode se tornar uma prática que expressa “poder de reconstruir”. Na ação refletida e na redimensão da prática o professor pode se tornar agente de mudanças na vida pessoal, na escola e na sociedade. Sua formação não pode ser entendida apenas como aprendizagem de técnicas. A formação do professor deve encontrar equilíbrio que interligue o pessoal, o profissional e o social.

Diante do sistema educativo o professor deve buscar compreensão sobre a dimensão social, cultural e emocional sobre as diferentes formas de ensinar e de aprender.

Segundo Figueiredo (2010), uma escola para todos implica mudanças nas concepções pedagógicas que “[...] resultem em ações que privilegiem atenção á diferença e a diversidade” (FIGUEIREDO, 2010, p.11). Ao organizar o processo ensino e aprendizagem é ponto básico a organização da proposta curricular e das práticas desenvolvidas no interior dessa escola, sendo necessário o “[...] reconhecimento das diferentes situações sociais, cognitivas e culturais existentes na sala de aula.” (FIGUEIREDO, 2010, p.11).

Uma proposta enfim, que atenda as diferenças deve “[...] levar em conta as características dos alunos respeitando o seu estilo de aprendizagem, ritmo, nível de desenvolvimento intelectual, características do funcionamento cognitivo, além de seu desenvolvimento afetivo-social” (FIGUEIREDO, 2010,P.19).

É nesse contexto que se constitui a relação família-escola, pois a criança realiza suas primeiras interações sociais, ampliando-as por meio de experiências e vivências ao ingressar numa escola que valoriza o papel social dos seus educandos, o qual sendo valorizado também por seus pares, como alguém que contribui para o crescimento do grupo.



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho procurou oferecer elementos provocando uma reflexão sobre o ideal de inclusão e o real, bem como os desafios encontrados pelo pedagogo na construção de uma escola inclusiva, ao se pensar em inclusão, em capacitar os alunos a competirem no mercado de trabalho por bons empregos e bons salários, nesse caso, os alunos não estão sendo incluídos, pois, ao aprovarem apenas por uma correção de ciclo, ou por terem frequentado os 75% das aulas, esses não estão preparados para competirem num ambiente que não seja paternalista-assistencialista.

Por ser uma sociedade que prevê na Constituição e no Estatuto da Criança e do Adolescente a igualdade de todos perante a lei e, por outro lado, tem no cotidiano, práticas discriminatórias, racistas e preconceituosas, como assegurar que essas leis sejam realmente colocadas em práticas no que diz respeito ao combate à discriminação?

Acompanhando a evolução da Educação Especial, do paradigma da segregação ao paradigma da educação inclusiva, percebe-se que a história registra avanços, contudo, novas conquistas são necessárias para que seus direitos sejam considerados na legislação e a escola valorize a diferença como fonte de aprendizagem. Para que as mudanças aconteçam, primeiramente é importante que as práticas estejam alicerçadas na diversidade e no combate à discriminação tendo como eixo norteador uma política curricular da identidade e das diferenças.

No entanto, não basta reconhecer a diferença e ter uma postura tolerante, é pertinente compreender sua origem e trabalhar tais conceitos voltados para a valorização da pluralidade e identidades dos sujeitos que convivem no mesmo ambiente escolar a fim de promover a desconstrução de estereótipos e rótulos inseridos ao longo do tempo em determinados grupos da sociedade.

Fica a percepção de que atualmente na escola não existe lugar para o pedagogo que entenda e seu trabalho entre quatro paredes, protegido pelos muros da escola. A escola inclusiva deve operar por meio de um projeto pedagógico construído coletivamente e conduzido cotidianamente de forma a dar sentido às evoluções alcançadas pela escola, uma boa escola deve contar na sua práxis, com salas de aula adequadas, bibliotecas, espaço físico para prática esportiva.

Em relação aos profissionais da educação, além de remuneração condizente, a formação inicial e continuada deve fazer parte da política de recursos humanos, formação essa



que não pode resumir-se somente a métodos, mas ao domínio do conteúdo a ser trabalhado, bem como o exercício constante da pesquisa.

O aluno é, portanto nesse contexto, o foco no processo de aprendizagem e não pode estar em situação de desvantagem em relação aos seus pares. Dessa forma segundo Moran, importa pensar uma prática inclusiva que possa...

[...] focar mais a relação afetiva, gostar dos alunos como eles são, chamá-los para participar, aproveitar todo o potencial para motivá-los, valorizá-los, incentivá-los, surpreende-los. Pela interação afetiva creio que conseguiremos encontrar um atalho de aproximação que superará o abismo que separa nosso universo perceptivo, racional e linguístico (MORAN, 2005, p. 98).

Portanto, cada pessoa tem sua individualidade, devemos aprender a conviver com as diferenças, ao mesmo tempo em que não podemos desprezar a integridade do outro. Justamente por isso, temos que conhecer a escola com sua estrutura física e a escola formada por pessoas que possuem pensamentos diferentes, indicados inclusive pelas influências sociais e familiares, pela convivência e influência de outros espaços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Clarisse Alencar. **Educação e diversidade (UNOPAR)**

BADALOTTI, Greisse Moser. **Educação e Tecnologias (UNOPAR)**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa.**7.ed.São Paulo: Paz e Terra,1996.

LDBEN/96- **LEI de DIRETRIZES e BASES da EDUCAÇÃO NACIONAL**

LIBÂNIO, José Carlos. **O que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de pedagogia.** in: PIMENTA, Selma Garrido (Org.) **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas.** São Paulo: Cortez, 2002.

MORAN, José M. **Desafios da televisão e do vídeo á escola.** In: MORAN, José M;ALMEIDA, Maria Elizabete Bianconcini de (orgs.) **Integração das tecnologias na Educação.** Brasília: MEC, 2005.



XVII

Seminário Internacional
de Educação no MERCOSUL



www.unicruz.edu.br/mercosul

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

VAGULA, Edilaine. **Educação Inclusiva e Língua Brasileira de Sinais (UNOPAR)**